

# Pode-se Integrar a Fé nas Aulas de Comunicação e Expressão?

Rebecca D. Becker

**O** estudo *Valuegenesis* tem levado os educadores adventistas uma vez mais a avaliarem sua profissão. Ainda que a maioria dos professores adventistas esteja comprometida em partilhar mais do que “o conhecimento dos livros”, certos dilemas filosóficos continuam a nos desafiar. Uma questão importante é como alimentar a fé através da instrução de classe. Como podemos prover situações que ajudem os alunos a descobrir, reafirmar e exemplificar sua fé? O que está envolvido em tal conceito que deveria motivar-nos a partilhar a fé e fortalecê-la em nos-

so alunos? O autor do livro de Hebreus define fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Heb. 11:1). Ellen G. White expande esta definição para incluir “confiança em Deus — crendo que Ele nos ama e sabe o que é melhor para o nosso bem.”<sup>1</sup> James Michael Lee, católico, professor de educação na Universidade do Alabama, insiste que fé é mais que um mero conceito. Ele a rotula como uma “elaboração” porque ela é algo que é conscientemente adotado para determinado propósito. Tal elaboração pode ser definida de duas formas: em termos de noção, usando uma definição tradicional e em termos operacionais, por atividades associadas com ela.<sup>2</sup>

Lee afirma que a elaboração da fé é inexata e mutável. “Uma ampla variedade de perspectivas não-teológicas bem como teológicas é necessário para se chegar a elaboração da fé realmente adequada.”<sup>3</sup> Curiosamente, o escritor do evangelho de João não usou o substantivo geralmente usado para interpretar “fé”. Ele usou o verbo “crer” ou qualquer outro verbo de ação. Assim fé envolve ação, a qual implica em interação.

Os comportamentos que nós rotulamos de “fé” nunca existem de forma isolada. “Fé sempre existe em um ser humano o qual está constantemente, e de maneira inseparável, em uma situação concreta, aqui-e-agora.”<sup>5</sup> O apóstolo Tiago afirma claramente: “Assim como o corpo sem o espírito é morto, também a fé sem obras é morta.” (Tiago 2:26.) A fé, então, deve ajudar nossos alunos a fazerem escolhas acerca da vida diária.

Esta é uma responsabilidade direta do ensino da sala de aula. A educação se preocupa com o significado da vida, assim os professores cristãos devem estar desejosos de tratar com questões importantes. De outra forma, nosso ensino falhará em fornecer aos alunos as habilidades necessárias para se viver nesta sociedade complexa e falhará em prover um “viveiro” no qual cultivar as sementes de sua fé.

Como educadores religiosos, nós trabalhamos com a “realidade dos comportamentos de fé a partir da realidade interior, de como a fé deve ser vivida e como ela é comunicada”.<sup>6</sup> Em sua pesquisa sobre a espiritualidade e os jovens, Brenda Lealman sustenta que cada pessoa tem a capacidade de consciência espiritual, mas que esta é melhor ativada ao se dinamizar a imaginação, e não ao se obter informação.<sup>7</sup> Michael Trainor afirma que o educador da fé é um contador de parábolas, um mágico, um especialista, um construtor de pontes e uma par-

teira.<sup>8</sup> Que lugar melhor para se encontrar tais atributos do que na classe de comunicação e expressão?

Onde começamos? Como podemos ensinar fé, paralelo à gramática, leitura, drama, literatura, oratória, redação e todos os outros aspectos da comunicação e expressão? Como Lee observa, se a fé é algo integral, então, “simplesmente colocar-se na frente da classe e falar, [está] entre os menos efetivos de todos os procedimentos pedagógicos”.<sup>9</sup> Ele sugere três aspectos da fé: a experiência afetiva, a experiência cognitiva e a experiência do estilo de vida.

---

**O educador religioso não é um elemento catalisador no ato da instrução religiosa; pelo contrário, o professor cresce e se desenvolve no ato da instrução religiosa. Este crescimento inclui a fé do professor... Em virtude desta interação dinâmica, a fé é transformada no ato de ser ensinada.**

---

A experiência afetiva pode ser desenvolvida através de cânticos, trabalhos de arte, partilhando o material de um sonho e desempenhando papéis. O aspecto cognitivo pode ser trabalhado através de atividades tais como memorização de textos bíblicos, entendendo-se doutrinas eclesiais, refletindo-se sobre a peregrinação pessoal da fé e sobre a relevância do evangelho na própria vida. Os elementos relacionados com o estilo de vida da fé são desenvolvidos por projetos tais como parceiros de fé, adoção de um avô, leitura para uma pessoa inválida, excursões, jogos e atividades comunitárias.<sup>10</sup> A combinação de várias atividades destas categorias fará do ensino da fé uma experiência integral.

Algumas atividades específicas podem incluir as seguintes:

- Colocando-se alunos do segundo grau como par de uma pessoa idosa da comunidade,

ou com uma criança do nível primário. Alunos do segundo grau podem escrever histórias para crianças e permitir que seu associado do primeiro grau a ilustre. Adolescentes podem também se beneficiar, correspondendo com uma pessoa que sofre de uma enfermidade terminal, quer criança ou adulto.

- Use a teoria de que são necessários 21 dias para se quebrar um hábito como a base para uma tarefa. Peça que os alunos escolham um hábito a ser vencido e desenvolvam um plano para a vitória, então mantenham um diário durante 21 dias. Isto poderia culminar em uma monografia, palestra ou qualquer outro projeto.

- Recomende um livro apropriado que contenha material para ser usado em discussão acerca das expectativas de uma comunidade cristã. Um projeto interessante, a respeito do qual ouvi recentemente, torna este aspecto bem pessoal. Solicite que os alunos desenhem um “A” e o usem por uma semana, mantendo um relatório dos seus sentimentos. Uma variação disto requer que os alunos escolham um pecado secreto em sua própria vida. Eles devem desenhar uma letra que simbolize o pecado e usá-la por 24 horas. Ninguém deve saber qual seja o pecado. Novamente, é extremamente importante que mantenham um registro sobre seus sentimentos e pensamentos durante o dia. Exercícios de culminação poderiam incluir pequenos trabalhos escritos ou cartas.

Uma das atividades mais comuns em classes de comunicação e expressão nos Estados Unidos é o estudo de histórias, tanto pequenas como mais longas, em livros, filmes ou composições pessoais. Pamela Mitchell corretamente afirma que as “histórias são uma linguagem da nossa vida”.<sup>11</sup> Pela leitura podemos ver a nós mesmos e a nossa vida de novas perspectivas, mesmo quando a narrativa não é sobre nós. Mitchell indica os fortes elementos das histórias, afirmando que, “se o cristianismo deve ser mais do que um simples objeto a ser conhecido, se ele possui vívidos elementos a seu respeito, se ele é uma visão da vida e não simplesmente um fenômeno, então necessitamos de um tipo de comunicação que conduza à auto-reflexão”.<sup>12</sup>

---

**Em cada discussão os professores devem respeitar a liberdade da história pessoal de seus alunos.**

---

---

Para demonstrar o alvo da educação, Trainor usa uma ilustração extraída de Mary Belenky — a diferença entre o professor-banqueiro e o professor-parteira: “Enquanto o banqueiro deposita conhecimento na cabeça do aprendiz, a parteira extrai conhecimento dela. O professor-parteira ajuda os alunos a darem a luz as suas próprias idéias, fazendo o seu conhecimento próprio explícito e aperfeiçoado”.<sup>13</sup>

---

**M**ichael Trainor afirma que o educador da fé é um contador de parábolas, um mágico, um especialista, um construtor de pontes e uma parteira.

---

Baseando seu pensamento em Kierkegaard, Mitchell declara que “a comunicação de narrativa [uma estória] torna possível a compreensão de uma visão da vida.”<sup>14</sup> Jesus usou parábolas e figuras de linguagem para comunicar lições, e através destes meios Ele freqüentemente evitou a confrontação direta, e assim evitou ofender Sua audiência. Ele tratou com questões sociais da época para ajudar Seus ouvintes a formarem suas próprias idéias e extraírem suas próprias conclusões. Trainor mantém que o educador da fé deve ser um mágico, que pode capacitar o cristianismo a, de forma relevante, “tratar com perplexidades contemporâneas”.<sup>15</sup> “Nós devemos estar envolvidos em uma grande extensão de estórias, em literatura, filme, televisão e outras artes... apenas então o cristianismo pode ser mais do que um objeto de conhecimento para nós; apenas então poderemos ser modelados por ele.”<sup>16</sup>

O uso de estórias facilita-nos o seguir o exemplo do ensino de Cristo como a base de toda a discussão, aplicando o maior de todos os mandamentos: “Amarás o Senhor Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.” (Mat. 22:38.)

Alguns temas comuns encontrados na literatura incluem o crescimento, preconceito, relacionamento com os pais, diferenças culturais, auto-sacrifício e serviço aos outros. Procure designar livros que tratem desses temas para leitura em casa e discussão em classe.

Em cada discussão os professores devem respeitar a liberdade da história pessoal de seus alunos.<sup>17</sup> Nossas palavras e ações devem refletir um foco interior do nosso relacionamento com Deus.<sup>18</sup> Ellen White enfatiza a importância dos professores “terem uma fé viva ou eles estarão separados de Cristo”.<sup>19</sup> Particularmente no contexto de uma congregação relativamente conservadora, a discussão de valores da vida deve permanecer aberta, contudo, guiada.

E se você sentir que é necessário apoiar sua fé na experiência? Lee relembra-nos de que o professor é apenas um componente da instrução da fé. Os outros componentes são o aluno, a disciplina e o ambiente. Cada componente é mudado pelos outros. Por outro lado, ele adverte: “A consagração do professor não é substituto para a habilidade pedagógica.”<sup>20</sup>

*O educador religioso não é um elemento catalisador no ato da instrução religiosa; pelo contrário, o professor cresce e se desenvolve no ato da instrução religiosa. Este crescimento inclui a fé do professor... Em virtude desta interação dinâmica, a fé é transformada no ato de ser ensinada.*<sup>21</sup>

Sondra Higgins Matthaei diz que o professor cristão é chamado para ser um mentor da fé, um “co-criador com Deus, o qual, como um representante vivo da graça de Deus, participa no crescimento relacional, vocacional e espiritual das pessoas”.<sup>23</sup> Ela relaciona as seguintes implicações para a classe:

1. Professores e alunos — juntos — são aprendizes.
2. Deve haver um ambiente de confiança e aceitação.
3. Há um risco em se reconhecer a possibilidade de que Deus trabalha através de todas as pessoas na classe.

---

**T**rainor usa uma ilustração extraída de Mary Belenky — a diferença entre o professor-banqueiro e o professor-parteira: “Enquanto o banqueiro deposita conhecimento na cabeça do aprendiz, a parteira extrai conhecimento dela.”

---

4. A classe é um lugar sagrado, onde o estudo da literatura sagrada, oração, estórias e disciplinas espirituais podem transformar o aprendizado em adoração.<sup>24</sup>

Como pode um professor cristão viver estes ideais? Trainor habilmente faz uma comparação com Houdini, o artista escapista do final do século passado e início deste.

*Há ocasiões quando o educador sente-se preso pelas expectativas das pessoas, pelas tradições escolares ou apanhado entre a realidade do ministério educacional e o sonho de novas possibilidades. Para evadir ao confinamento de tais dificuldades é necessário que os educadores da fé tenham a habilidade de Houdini.*<sup>23</sup>

---

**O uso de estórias facilita-nos o seguir o exemplo do ensino de Cristo como a base de toda a discussão, aplicando o maior de todos os mandamentos: “Amarás o Senhor Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.” (Mat. 22:38.)**

---

Como Matthaiei observa, se você está desejoso de tornar-se um mentor da fé, você deve estar desejoso de viver sob escrutínio.<sup>26</sup> Não devemos temer enfrentar as questões contemporâneas que emergem em nossas classes. Nem podemos ser apologistas acerca de nossa fé, ou hesitantes em aplicá-la às disciplinas que ensinamos. Através das aulas de comunicação e expressão, os alunos podem ser levados à firme fé em Deus e à uma melhor compreensão de como Ele transforma nossa vida.

---

*Rebecca D. Becker leciona inglês na Gem State Adventist Academy, em Caldwell, Idaho, E.U.A.*

#### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Ellen G. White, *Education* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Assoc., 1903), pág. 253.
2. James Michael Lee, “Facilitating Growth in Faith Through Religious Instruction”, em *Handbook of*

*Faith*, James M. Lee, ed. (Birmingham, Ala.: Religious Education Press, 1990), pág. 272.

3. Ídem, pág. 279.

4. James L. Price, Jr., “The Biblical View of Faith: A Protestant Perspective”, em ídem., pág. 123.

5. Lee., pág. 292.

6. Ídem, pág. 290.

7. Brenda Lealman, “Young People, Spirituality, and the Future”, *Religious Education* 86:2 (primavera de 1991), pág. 266.

8. Michael Trainor, “Images of the Faith Educator”, *Religious Education* 86:2 (primavera de 1991), pág. 286.

9. Lee, pág. 268.

10. Lee, pág. 297.

11. Pamela Mitchell, “Why Care About Stories? A Theory of Narrative Art”, *Religious Education* 86:1 (inverno de 1991), pág. 37.

12. Ídem, pág. 42.

13. Trainor, pág. 291.

14. Mitchell, pág. 35.

15. Trainor, pág. 287.

16. Mitchell, pág. 43.

17. Trainor, pág. 290.

18. Sondra Higgins Matthaiei, “Faith—Mentoring in the Classroom”, *Religious Education* 86:4 (outono de 1991), pág. 545.

19. Ellen G. White, *Counsels to Parents, Teachers, and Students* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Assoc., 1913), pág. 235.

20. Lee, pág. 294.

21. Ídem, pág. 291.

22. Matthaiei, pág. 540.

23. Ídem, pág. 548.

24. Ídem, pág. 288.

25. Matthaiei, pág. 542.

26. Price, pág. 125.